



## **DESENVOLVIMENTO LOCAL, COMUNICAÇÃO E CULTURA POPULAR: a revitalização do BOI TIRA-TEIMA DO MESTRE GERCINO em Caruaru – Pernambuco<sup>1</sup>**

Irenilda de Souza Lima<sup>2</sup>  
Ana Paula Gomes da Silva<sup>3</sup>

### **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo de sistematizar e valorizar ainda que de maneira e inicial a memória, a identidade, o patrimônio imaterial, cultural e artístico, do maracatu produzido em Caruaru, Pernambuco. Com este resgate objetivamos reconhecer a necessidade de continuidade do Boi Tira-Teima e as várias articulações e parcerias que podem ser feitas na tentativa de revitalização deste importante patrimônio cultural. Este trabalho ainda tem como objetivo analisar a manifestação cultural Tira-Teima do Mestre Gercino, como instrumento de desenvolvimento local, esperando que como resultado de tal investigação possamos contribuir com subsídios nas discussões sobre desenvolvimento local, comunicação e cultura popular.

Palavras -chave: Desenvolvimento Local; Folkcomunicação; Cultura Popular. Maracatu

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no XXX congresso da INTERCOM e no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação Científica

<sup>2</sup> Professora do Depto de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Professora do Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX da UFRPE. Doutora em Ciências da Comunicação pela USP. E-mail: irenilda@ded.ufrpe.br

<sup>3</sup> Licenciada em Ciências Biológicas e mestranda do POSMEX – UFRPE



Estudando sobre os obstáculos epistemológicos para o diálogo de saberes (LIMA, 2006) realçou a peculiaridade do agir profissional dos extensionistas rurais ou dos educadores do campo que tem como condição sine qua non de sua prática dialogada a valorização da cultura local. As inserções de temas relacionados com as manifestações culturais locais são bem vindas quando tratamos do conceito de desenvolvimento local. Este enfoque de desenvolvimento compreende a necessidade de um esforço localizado e concertado. Podemos compreender que na promoção do desenvolvimento os moradores de um determinado lugar se articulam com vistas a encontrar possibilidades e atividades que favoreçam mudanças nas condições de produção e comercialização de bens e serviços de forma a proporcionar melhores condições de vida aos cidadãos e cidadãs, partindo da valorização e ativação das potencialidades e efetivos recursos locais, incluindo a valorização da cultura local experienciada (JESUS, 2003. p.72).

Para a prática dialogada proposta na prática da extensão rural contemporânea que se propõe a ser dialógica, encontramos no pensamento comunicacional e interacionista de Paulo Freire (1983), que educação é comunicação, é diálogo na medida que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados. Focaliza ainda Freire que os processos comunicacionais se inserem no agir pedagógico libertador. Aproximou educação e comunicação fazendo reflexões sobre o trabalho dos extensionistas rurais chamando a atenção do modelo comunicacional subjacente ao modelo pedagógico da ação destes profissionais. Freire destaca a importância da comunicação na construção do conhecimento que colabora para a autonomia do educando e que considera a sua cultura como princípio de sua autonomia e liberdade.

Esta opção de desenvolvimento implica assumir o caráter político da prática da extensão rural que devem reforçar um projeto radicalmente comprometido com a promoção da vida e com a formação cidadã. Devem também reforçar a convivência com a sociedade, respondendo a sua demanda, que na agricultura, em sua maioria se situa na dimensão familiar. Na perspectiva da agricultura familiar, deve-se considerar a sua multifuncionalidade, economia e lógica e a cultura campesina construída historicamente e socialmente referenciada. Valorizar e reconhecer que existe uma cultura local já há muito experienciada e significativa, que é transmitida através das gerações campesinas tradicionais e que precisam ser consideradas como referências em um processo



educativo que considere o conhecimento local, o diálogo de saberes, reconhecendo o patrimônio imaterial localmente instituído.

O destaque seria de que a ação e reflexão se alimentam mutuamente para transformar a realidade local deve considerar o conhecimento dos outros protagonistas envolvidos no processo: os agricultores e agricultoras familiares. Mesmo porque, segundo Edgar Morin (1996), existe ciência e um conhecimento racional-empírico em todas as sociedades. Esta ciência e este conhecimento não se desencantaram da esfera simbólico-mítico-mágica. Não se transformaram numa esfera separada como em nossas sociedades ocidentais modernas. Mesmo porque a razão e desrazão convivem no meio da universidade. Não há corte epistemológico radical. E neste sentido se coloca a questão da complexidade. Da epistemologia complexa para leva Morin a afirmar que o ato do conhecimento é ao mesmo tempo biológicos, espirituais, lingüísticos, culturais e históricos. Fundamentado no cérebro, não pode ser dissociado da vida cósmica, no espírito, na sociedade, na cultura, no mundo.

A cultura é a marca impressa da alma coletiva de um povo e por isso atuar no meio rural como agente de desenvolvimento de Extensão Rural para o Desenvolvimento Local requer compreender e promover estas atividades e estes significados.

Neste trabalho pretendemos de maneira ainda que inicial valorizar a memória, a identidade, o patrimônio natural, cultural e artístico, do maracatu produzido em Caruaru, Pernambuco. Com este resgate objetivamos reconhecer a necessidade de continuidade do Boi Tira-Teima e as várias articulações e parcerias que podem ser feitas na tentativa de revitalização deste importante patrimônio cultural. Este trabalho ainda tem como objetivo analisar a manifestação cultural Tira-Teima do Mestre Gercino, como instrumento de desenvolvimento local, esperando que como resultado de tal investigação possamos contribuir com subsídios nas discussões sobre desenvolvimento local, comunicação e cultura popular.

É importante tratar a cultura com a perspectiva de desenvolvimento local sustentável, promovendo a democratização da produção e do conhecimento artístico pela **inserção cultural** da população menos favorecida, para que esta não só uma busque a valorização da identidade cultural, mas também o estímulo ao desenvolvimento sócio-econômico-cultural.

No percurso metodológico, fizemos observação direta, participando das sessões de ensaio realizadas na casa do toador Mestre Gercino, atual sede, formando um registro fotográfico documental. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os



participantes, familiares do Mestre Gercino e artistas locais, que se engajaram neste trabalho com objetivo de revitalizar essa tão importante manifestação cultural local.

As idéias de como revitalizar o folgado popular combina com as idéias já referidas de Desenvolvimento Local conforme diz Bianchini (2004) sinalizando que se trata do resultado de ações articuladas de diversos agentes sociais, culturais, políticos e econômicos, públicos ou privados, existentes no município e na região no uso racional e dos recursos locais, incluindo nestes os valores culturais.

As bases teóricas deste texto estão nos referencial sobre cultura popular, antes considerada apenas como objeto de estudo, conforme afirmava Williams (1983), citado por Estosteguy, “Cultura popular não foi identificada pelo povo, mas por outros” (WILLIAMS *Apud* ESTOSTEGUY, 1983, p. 237), conquista destaque inicialmente na Inglaterra, onde foi fundada, em 1878, a primeira Sociedade do Folclore.

Ao longo dos anos esta temática foi sendo associada às idéias de nacionalidade, modernidade, formação da identidade nacional em um contexto de industrialização e democratização. Destacando que os estudos dedicados às culturas populares estão estreitamente articulados à política, à direção política e cultural das sociedades.

A perspectiva conservadora tende a cristalizar as manifestações culturais, dissociando-as do seu contexto social e de quem as produz. Segundo Cabral (2004) a cultura popular não deve ser pensada como um conjunto de objetos, práticas e concepções consideradas tradicionais, nem tampouco como uma coisa do passado. Sendo assim a cultura deve ser pensada como parte integrante da dinâmica do processo social.

Para entender a cultura popular, conforme se faz necessário salientar as relações de conflito e dominação entre os grupos sociais - ela só se torna compreensível quando considerada em oposição à cultura erudita e cultura de massa. Seguindo a mesma linha, Nestor García Canclini estuda as manifestações culturais populares inseridas em um contexto sócio - cultural e passando por contrastes sociais no capitalismo e pelo confronto entre as culturas hegemônicas e subalternas, onde para ele,

"as culturas populares (termo que achamos mais adequado do que cultura popular) se constituem por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação ou etnias por parte dos seus setores subalternos, e pela compreensão, reprodução e transformação, real e simbólica, das condições gerais e específicas do trabalho e da vida" (CANCLINI, 1982, p. 42).

Além de focar a heterogeneidade da cultura popular, o autor percebe que toda produção cultural surge a partir das condições materiais de vida. Nas classes populares "*(...) as festas estão ligadas de modo mais estreito e cotidiano ao trabalho material ao qual se entregam quase todo tempo*" (CANCLINI, 1982, p. 42).

Entende então o autor que o povo, ao se apropriar de forma diferenciada e desigual do que a sociedade possui, através de uma interação conflitiva com os setores hegemônicos, produz no trabalho e na vida formas específicas de representação, reprodução e reelaboração simbólica das suas relações sociais.

A cultura é a marca impressa da alma coletiva de um povo e nela se reflete seus símbolos, valores e inspirações. Em Pernambuco, por exemplo, encontramos uma verdadeira multiculturalidade e grande variedade de ritmos musicais e manifestações do folclore pernambucano. Para Medeiros (2005), o carnaval do Recife ficou famoso pela presença do frevo, a partir da década de 90, o maracatu rural vem progressivamente sendo reconhecido como símbolo de pernambucanidade.

A partir da trajetória metodológica utilizada, observações diretas e conversas informais, foi possível perceber que há um certo mistério na expressão do ritmo que ao longo de sua história ganhou o nome de Maracatu, manifestação cultural que ocorre em todo Estado de Pernambuco e que se estabeleceu na cidade de Caruaru, agreste do Estado, incorporando, o folguedo do Bumba-meu-boi na figura do Boi Tira-Teima do Mestre Gercino, criado há 80 anos. A sede do grupo, composto por cerca de 150 pessoas, é na própria residência do toador Mestre Gercino, porém hoje já em vias de extinção.

**BOI TIRA-TEIMA DO MESTRE GERCINO:** O município de Caruaru, palco de manifestações culturais, Agreste Pernambucano, possui um dos últimos remanescentes da memória cultural pernambucana, denominado Boi Tira-Teima do Mestre Gercino, este representa o Maracatu de Caruaru, que tomou forma de Bumba-meu-boi, com seus personagens irreverentes e incrivelmente cheios de força e singeleza. Ao som do batuque do maracatu, cantam, dançam e representam a força viva de sua afrodescendência.

O Boi Tira-Teima, é um maracatu criado há mais de 80 anos, hoje é mantido pelo Mestre Gercino e mais ou menos 150 pessoas, entre filhos, netos, genros, noras, sobrinhos e afilhados, que se encontra em vias de extinção, esquecido, sem receber maior atenção do Poder Público Estadual e Municipal. Por essa razão é motivo de



interesse que venha ser financiado para valorizar a memória, a identidade e o patrimônio natural, cultural e artístico.

A valorização da memória dessa manifestação cultural é fruto de interesse daqueles fazem parte do Boi Tira-Teima e de artistas locais que estão engajados no resgate, registro, preservação e difusão desse movimento.

É importante tratar a cultura com a perspectiva de desenvolvimento local sustentável, promovendo a democratização da produção e do conhecimento artístico pela **inserção cultural** da população menos favorecida, para que esta não só uma busque a valorização da identidade cultural, mas também o estímulo ao desenvolvimento sócio-econômico-cultural.

Conforme diz Frederico Vicentini “Mais do que uma festa cultural, estamos proporcionando acesso ao encantamento, promovendo cidadania cultural e discutindo gestão compartilhada na cultura. Estaremos promovendo a nossa região através do que temos de mais caro, a cultura de seu povo”.

A crise do capitalismo, que se instaurou no final de século imediatamente passado, trouxe a necessidade de novas alternativas, não só no que se refere à organização da produção e da economia de uma forma mais contundente, mas, principalmente, na formação do homem para enfrentar os novos desafios nas sociedades industriais ou agrícolas, sem perder de vista os valores da sua identidade que passam por valores culturais.

Um bom subsídio para pensarmos sobre este questionamento está em Canclini (1997), em *Culturas Híbridas*, ao repensar a heterogeneidade da América Latina como uma complexa convivência do tradicional e do moderno e na existência de países onde coexistem diferentes lógicas de desenvolvimento. Não acredita o autor que o global esteja substituindo o local, assim como não vê o atual modo neoliberal de globalização como o único possível. Propõe uma luta pela reforma do Estado que assegure iguais possibilidades de acesso aos bens da globalização.

Se a cultura popular se moderniza, como de fato ocorre, isso é para os grupos hegemônicos uma confirmação de que seu tradicionalismo não tem saída; para os defensores das causas populares torna-se outra evidência da forma como a dominação os impede de ser eles mesmos (1997, p. 206).

Ao mesmo tempo em que fomentamos a discussão sobre o uso de produções estranhas ao local, concordamos sobre o valor de lidarmos com a universalidade dos conteúdos,



sob pena de cairmos noutra extremidade, ou seja, atribuir importância conteúdos pertinentes à cultura local, mas de forma indesejavelmente fragmentada.

Nesta reflexão entre o local e o global, buscamos apoio no pensamento de Milton Santos, em *Retorno ao Território* (1998) e em *O Novo Mapa do Mundo: fim de século e globalização* (1997). Para Milton Santos, mesmo nos recantos onde os valores de mundialização ou de transnacionalização são mais fortes e eficazes, repensar a questão do local surge como uma revanche, que revela o conflito entre o local e o global. Estaríamos hoje perante uma dialética do território, das geografias da desigualdade produzidas pelo sistema-mundo, as quais permitem ver o território como dimensão histórica do processo de globalização e fragmentação.

Este espaço global tem conteúdo ideológico de origem distante. Na democracia do mercado, o território é o suporte das redes que transportam regras egoísticas (do ponto de vista dos atores hegemônicos), chamadas verticalidades. Em contrapartida, as horizontalidades, que são espaços dos subalternos, estão hoje enfraquecidas. Por sua vez a união vertical se dá entre os países ricos que se colocam à disposição dos países pobres para permitir que as redes se estabeleçam a serviço do grande capital. O resultado é a fragmentação, porque ao invés de cooperação, o forte aqui é a competição. As tentativas de construção de um mundo só sempre conduziram a conflitos porque o objetivo é unificar e não unir.

Já em Ferrara (1997, p.170), um povo será tanto mais livre das suas contradições locais quanto mais apto for para integrá-las e, assim, superá-las. O povo deve:

A perspectiva de reinterpretação e de reelaboração, à luz de uma identidade cultural de um povo nos remete novamente para Canclini (1997), quando este adverte que existem tendências mundiais que imaginaram que a modernização acabaria com as formas de produção, as crenças e os bens tradicionais. Os mitos seriam substituídos pelo conhecimento científico, o artesanato pela expansão da indústria, os livros pelos meios audiovisuais de comunicação. Diz o autor que a modernização e as novas tecnologias podem diminuir o papel do culto e do popular tradicionais, no conjunto do mercado simbólico, mas não os suprime. Por isso, do lado popular vale preocupar-se menos com o que se extingue do que com o que se transforma, ou seja, com o que se reelabora ou se redimensiona.

Voltando a referir sobre a importância do local, Milton Santos (1990) diz que a indubitável realidade como um fim comum da crescente globalização/mundialização não permite, em todo caso, que esqueçamos das tendências desagregadoras,



regionalizadoras, que, sempre presentes e vivas, podem corrigir os excessos de universalização perversa; amiúde presente e causa fundamental de muitos dos problemas agudos, cruéis e injustos, derivados da tendência espaço-homem.

Outra forma de saída é a negociação proposta por Canclini (1997), que critica a polarização no enfoque de uma realidade, onde as complexas relações entre hegemonia e subalternidade, foram reduzidas a um confronto rígido e bipolar. A partir daí sinaliza para a negociação como componente-chave no funcionamento das instituições e campos socioculturais.

Para tanto, essas estratégias propostas de concertação e organização para revitalização do maracatu na cidade de Caruaru, devem ser trabalhadas a partir de ação comunicativa para que a participação ocorra.. Em Beltrán (1981) encontramos que no caso de um modelo de comunicação horizontal, participativa, dialógica e comunitária, a comunicação é um processo de interação social. E também sugere a oportunidade de que ocorra o intercâmbio de símbolos mediante os quais os seres humanos compartilham voluntariamente suas experiências sob as condições de acesso livre e igualitário, diálogo e participação de sua cultura, de uma participação identitária.

Concluindo, novamente remetemos-nos a Milton Santos, quando sentenciou que em certas circunstâncias, que a união, mediante as novas formas de articulação e horizontalidades podem ser estimuladas para a organização de vários segmentos em torno da valorizar a memória, a identidade, o patrimônio natural, cultural e artístico, do maracatu produzido em Caruaru, Pernambuco. Bem como de promover o resgate e a continuidade do Boi Tira-Teima.

Assim, devemos pensar na construção de novas formas de valorizar o local e, a partir da base da sociedade territorial, encontrar caminhos que nos liberem da maldição da globalização perversa, que estamos vivendo, e nos aproxime da possibilidade de construir outra globalização, capaz de restaurar o homem de sua dignidade revitalizando os valores culturais tradicionais.

## **Referências**



BELTRÁN, Luiz Ramiro. Adeus a Aristóteles: comunicação horizontal. In: Comunicação e Sociedade. Revista semestral de estudo de comunicação. São Paulo: Cortez, nº 6, setembro de 1981, p. 5-35.

BIANCHINI, L. Desenvolvimento Local. PNATER. MDA. Brasília. 2004.

CABRAL, Cleomar Felipe. **Questões teóricas e metodológicas**: a abordagem Cultura Popular/ Folclore, In: Caos - revista eletrônica das ciências sociais, nº 6, UFPB: João Pessoa, 2004.

CANCLINI, Nestor Garcia. As culturas populares no capitalismo. Tradução de Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1982.

\_\_\_\_\_ Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

\_\_\_\_\_ Consumidores e Cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro. Editora UFRJ. 1996.

DE JESUS, Paulo -----. Desenvolvimento Local. In Cattani, A. David. (org). A Outra Economia. Porto Alegre: Vaz Editores. 2003. P. 72-75.

ESTOSTEGUY, Ana Carolina D. Cartografias dos Estudos Culturais. Editora Autêntica, Belo Horizonte, 2001. p. 107-183.

FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1983

LIMA, I.S. Pesquisa-Ação e Extensão Rural: obstáculos epistemológicos para o diálogo de saberes. Trabalho apresentado ao NP – Comunicação científica e ambiental. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Brasília. 2006.

MORIN, Edgar. Teoria da Complexidade. Publicações Europa-America. 1996.

MEDEIROS, Roseana Borges. Maracatu Rural: Luta de classes ou espetáculo? Fundação de Cultura Cidade do Recife. (Coleção Capibaribe 2). Recife 2005. SANTOS, Milton. O retorno do Território. In Território: globalização e Fragmentação. Ed. Hucitec. SP. 4ª ed. 15-20.1998.

SANTOS, Milton. et al (org). O Novo Mapa do Mundo: Fim de século e globalização. Ed. Hucitec. São Paulo. 3ª ed. 1997.

SANTOS, Milton. O retorno do Território. In Território: globalização e Fragmentação. Ed. Hucitec. SP. 4ª ed. 15-20.1998.